



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Portugal-Alemanha : Memórias e Imaginários', de Maria Manuela Gouveia Delille]

Teresa Cadete

Para citar este documento / To cite this document:

Teresa Cadete, "[Recensão crítica a 'Portugal-Alemanha : Memórias e Imaginários', de Maria Manuela Gouveia Delille]", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 269-272.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

as de Lídia Jorge, João de Melo, Manuel Alegre, António Lobo Antunes, Wanda Ramos, entre outros, num quadro de reflexão sobre as condições históricas da formação do Império, bem como das suas posteriores fragmentação e desagregação.

Longe de aceitar uma visão nostálgica e por isso regressiva de uma «exceção atlântica» — a excepcionalidade justificaria o carácter único (e tendencialmente aceitável), como continuamos a ouvir defender ainda hoje —, a análise de Vecchi encara a memória e a representação traumática como elementos-chave inerentes à questão imperial, à questão colonial e à questão pós-colonial. Deste ponto de vista, a sistemática reflexão que é conduzida leva-nos a compreender o quanto a coincidência entre «exceção» e «excepcionalismo» é um perigo que a muitos tem espreitado, permitindo também a Roberto Vecchi uma crítica ao luso-tropicalismo e às suas distorções que não posso deixar de sublinhar. Não se trata aqui de propor apenas uma visão política de representações literárias, mas de as descrever de acordo com uma biopolítica da história colonial que, na linha de Foucault e, depois, de Agamben, retira dessa biopolítica a possibilidade de colocar a História dentro da representação do humano, da sua «vidanua», das suas condições, em suma, do seu breve momento.

A história do acesso à consciência crítica, ou da impossibilidade da sua representação, é o grande tema deste livro de Roberto Vecchi, que permite assim uma sistemática leitura crítica de grande parte da literatura portuguesa mais recente como herdeira daquela «beleza terrível» que a tragédia clássica soubera apresentar. Não é por acaso que motivos como o de Antígona constituem instrumentos centrais para a leitura das obras literárias escolhidas.

Articula-se assim a capacidade de herança de uma linhagem literária de referência

com a percepção de questões como a representação do feminino, ou do carácter póstumo da experiência do testemunho, cuja centralidade para a compreensão da literatura de matriz pós-colonial eu gostaria de aqui sublinhar. Uma vez mais, não se trata de apenas pensar uma representação dita objectiva da Guerra Colonial e dos seus dramáticos momentos de violência, mas sobretudo de ser capaz de manifestar os efeitos do biopoder sobre as experiências de vida de todos aqueles que o império e a guerra afectaram. Num certo sentido, todos nós. Num certo sentido, pois, e para regressar ao lugar de onde também partimos, uma interrogação complexa e desafiante sobre um país que «houve nome Portugal» e cuja identidade não é possível desligar da errática história imperial e dos seus avatares coloniais e pós-coloniais.

*Helena Carvalho Buescu*

## PORTUGAL-ALEMANHA: MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS

SEGUNDO VOLUME: SÉCULOS XIX E XX

Coord. e prefácio de Maria Manuela Gouveia Delille  
Coimbra, Minervacoimbra/Centro de Investigação  
em Estudos Germanísticos / 2010

Na continuação de um primeiro volume, publicado em 2009 e consagrado ao período que se estende da Idade Média até ao século XVII, este segundo tomo reúne dezasseis textos provenientes de um ciclo de conferências ocorridas entre 2003 e 2008 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no quadro do projecto de investigação «Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenêutica Intercultural», coordenado por Maria Manuela Gouveia Delille, que também organizou o presente volume e assina a Introdução.

Nas palavras da organizadora, professoras na sessão de apresentação do volume, este significaria um contributo para a construção de uma história a que faltam seguramente muitas peças, embora estas «pedras dispersas», que correspondem a uma exigência de originalidade dos estudos, sejam elementos valiosos no preenchimento do mosaico da mesma história. Porque esta está sempre a rebelar-se contra todas as leituras binárias e que apostam em *clichés*, pese o facto de estes existirem mesmo, quiçá persistindo numa vida própria alimentada por obstinações ideológicas. Mas também existe o seu contrário, melhor dizendo, múltiplos contrários que contextualizam os mesmos *clichés* numa visão alargada no espaço e no tempo, tributária de perspectivas que desconstróem a forma como são seleccionados os elementos do espaço experiencial à luz de projecções de horizontes de expectativa admitidos ou implícitos. Trata-se, portanto, de (tentar) iluminar por dentro formas de olhar o Outro, português ou alemão, que nos desafia ora como texto, ora como lugar visitado, ora como habitação temporária.

Os dezasseis estudos aqui presentes situam-se cronologicamente entre a viragem de século setecentista (Maria Antónia Gaspar Teixeira sobre *Münchhausen* em Portugal) e a imagem de Portugal em textos *pop* de expressão alemã, segundo a autora (Clara Guimarães Ervedosa) já assumidamente pós-modernos, anedóticos e dandistas (p. 356). Rogério Paulo Madeira debruça-se sobre o caso Uriel da Costa na novela histórica *Der Sadducäer von Amsterdam*, de Karl Gutzkow, mostrando-nos como uma leitura ficcionada pode surgir como «alusão velada» (p. 50) ao presente histórico de repressão e censura, vivido na Alemanha oitocentista pós-restaurativa. Alfred Opitz recuperou a leitura de um historiador e viajante,

Gotthilf Heine (1820-1848), cujo romance *Eurich, der Priester der Gothen* assume uma nítida inspiração herculaniana.

Doutro Heine, muito mais conhecido entre nós, nos fala Maria Manuela Gouveia Delille, conhecida especialista deste autor e que nos fornece exemplos da sua recepção, do Romantismo à actualidade. Particularmente interessante é a funcionalização de Heine, muito apreciado pela Geração de 70 devido às suas investidas satíricas contra a «inércia, a trivialidade e a decadência da sociedade portuguesa» (p. 76), na linha das críticas de Antero e dos autores das *Farpas*. Com efeito, a leitura de Heine desdobra o leque de perspectivas, de acordo com o respectivo contexto epocal, numa multifuncionalidade em que a dimensão da arma de arremesso está sempre presente, ora contra o germanismo da I Guerra Mundial (p. 83), ora contra o salazarismo no segundo pós-guerra (p. 88).

Os estudos de Marion Ehrhardt e de Rolf Nagel podem, por sua vez, ser lidos de forma articulada, na medida em que se ocupam de figuras da família real ou muito próximas dela, nomeadamente o conselheiro alemão de D. Fernando II, Carl Dietz, ou a rainha D. Estefânia, mulher de D. Pedro V (filho de D. Fernando) e oriunda da casa de Hohenzoller-Sigmaringen. Ambos evidenciavam as conhecidas virtudes alemãs, forjadas no primeiro caso por uma educação luterana que incutia um sentido de dedicação ao cargo exercido, no segundo pela tradição europeia da educação dos príncipes, a que se acrescentava um grau de religiosidade e sentido sociais que se foi reflectir na actuação de D. Estefânia e na imagem por esta deixada. Nesta perspectiva, torna-se fácil reconstituir as dificuldades experimentadas por Dietz, a cujas funções se juntava a de preceptor dos príncipes, no fogo cruzado das intrigas diplomáticas entre franceses e britânicos. Ao estudo de Rolf Nagel sobre

D. Estefânia são anexados dois poemas, um deles celebrando a jovem rainha por Katharina Diez, outro elegíaco de autor anónimo (D. Estefânia morreu com vinte e dois anos), na língua original e, respectivamente, na tradução de Adelaide Chichorro Ferreira e Esmeralda Castendo.

No contexto do «século burguês» (Adorno), torna-se particularmente interessante descodificar modos de filtragem de leitura, sob forma de transfiguração selectiva da realidade, no caso de Júlio Dinis, em cuja visão realista (*verklärt*) Teresa Martins de Oliveira encontra paralelismos com o realismo poético de um Theodor Fontane, deixando de fora temáticas e motivos considerados menos literarizáveis (p. 159), menos compatíveis com uma utopia paisagístico-idílica como complemento de uma crença num progresso harmonioso, traduzido também a nível diegético em finais felizes. Numa perspectiva mais estritamente filológica, Maria Teresa Cortez debruça-se sobre o «método Grimm» de pesquisa documental e fixação textual (p. 166), praticado por Teófilo Braga.

O realce dado a virtudes e defeitos atribuídos ao modo de ser germânico de feição bismarckiana por Oliveira Martins é lido por Winfried Kreutzer «na perspectiva da sua ‘nomologia’ etnográfica e histórica» (p. 185), o que permite uma peculiar desconstrução das implicações da tradição luterana de «submissão moral» (p. 186) com um «cesarismo» estatal que o historiador não vê sem simpatia, também ele ignorando «as vozes da esquerda que desmascaravam e denunciavam os verdadeiros motivos de Bismarck» (p. 194) e a sua política social, destinada a pacificar as camadas operárias. Em todo o caso, o modelo alemão surge aos olhos de Oliveira Martins como um exemplo de realização tendencial, e por isso inacabada, da defesa hegeliana do Estado.

Igualmente inacabada, segundo a análise de Maria António Hörster, seria o efeito intenso e profundo da recepção de Rilke, enquanto fenómeno tardio (p. 217).

Entramos em terrenos pouco explorados, que nos ensinam a olhar formas de aparente *déjà vu*, com os estudos de Orlando Grossegeisse e Mário Matos. O primeiro explora pequenas imagens de autores menos conhecidos entre nós, tais como Reinhold Schneider, Friedrich Sieburg e Irene Seligo. Tais imagens surgem, na tradição schlegeliana do fragmento, como cristalizadoras mais de um estado de espírito do que de um paradigma acabado. Grossegeisse destaca dois aspectos constitutivos, «o estado em fragmento como condição de um sublime especial» e «a missão de completar a imperfeição através da poetização de um povo e de um país» (p. 235). Assim como o mito da decadência se veio sobrepor historicamente ao mito da conquista, porém remetendo para a memória desta, o Estado português articula-se aqui com um estado de coisas em que o pequeno e o grande assumem uma mútua tensão permanente, como se os fragmentos clamassem pela reconstrução de um todo que só poderia existir num misto, ou numa alternância, de alucinação e resignação. A vida autêntica (ou o que quer que pensemos que esta possa ser) poderia assim surgir num intervalo, por assim dizer numa pausa idílica (p. 252). Já a análise de Mário Matos nos dá a ver os bastidores da encenação político-cultural da amizade luso-alemã, sobretudo quando se debruça sobre o contraste entre a propaganda turística da organização hitleriana *Kraft durch Freude* (realçando o idílio da paisagem natural, monumental e humana mas não deixando de sublinhar o alegado avanço civilizacional possibilitado pelas inovações do III Reich) e os relatos de espionagem redigidos pelos «homens de confiança» (p. 275) que acompanhavam

aqueles cruzeiros que tinham por missão restaurar a força de trabalho e preparar o espírito combativo para a empresa bélica que estava a ser montada pelos nazis. Aqui lemos sem mais rodeios alusões à falta de higiene, à mendigagem infantil e a uma «imagem negativa do ponto de vista rácio» (p. 277). Donde Mário Matos conclui que aqueles cruzeiros atlânticos, «mais do que servirem propósitos *interculturais* propriamente ditos, estiveram sobretudo ao serviço de objectivos sociopolíticos a nível *intracultural*» (p. 279).

A importância dos contextos de uma tradução, enquanto leitura e recepção, é demonstrada por Maria Teresa D. Mingocho a propósito da tradução do conto de Thomas Mann «Schwere Stunde» («Hora Difícil») publicada na revista *Vértice*. A complexidade do problema é dada pela dificuldade em fazer compreender aos leitores a pluridimensão, literária e humana, da relação entre Goethe e Schiller, a que se vêm juntar problemas de tradução e a preocupação da revista em «alinhar pela doutrina de ‘herança cultural’» que a RDA adoptou a partir do fim dos anos 40 e no âmbito da qual a presença de Thomas Mann, que visitou Weimar no ano da comemoração dos 150 anos da morte de Schiller, se torna numa peça relevante.

Os três últimos ensaios ocupam-se com as imagens do respectivo Outro na nossa contemporaneidade. Helmut Siepmann revisita Lisboa como «lugar de sonho e encontro (p. 301 ss), Ana Maria P. Ramalheira relê dois semanários portugueses, o *Expresso* e o *Independente* e o modo como espelham a queda do Muro de Berlim e as respectivas consequências. *A posteriori* (e na situação em que o nosso país presente-mente se encontra), não podemos deixar de sorrir com as considerações de Miguel Esteves Cardoso no jornal que então dirigia: «Podemos não gostar dos alemães, talvez por eles serem bons de uma manei-

ra tão pesada e esmagadora, mas isso tanto faz. Se eles nunca tivessem existido, pensado, agido, escrito, composto, seríamos todos — de um modo espectacular — ainda mais estúpidos do que somos» (p. 338). Clara G. Ervedosa relembra, a propósito de textos de autores *pop*, que nas palavras de K. Tucholsky «os relatos de viagem caracterizam em primeiro lugar o viajante, não a viagem» (p. 353).

Completam este volume resumos em alemão dos referidos ensaios, bem como notas biobibliográficas sobre os autores. *Last but not least* e já que se trata de dar a ver — e desconstruir — imagens: se a capa reproduz uma gravura idêntica à do primeiro volume (*Portugalia*, in *Liber chronicarum*, de Hartmann Schedel, de 1493), já a contracapa nos coloca perante uma torrente humana rompendo o Muro, na fotografia de Sérgio Lorré a partir de uma pintura mural de Kani Alavi, artista irano-berlinense.

Teresa Cadete

AA. VV.

## MEMÓRIAS GESTOS PALAVRAS

Textos oferecidos a Teresa Rita Lopes

Lisboa, Assírio & Alvim / 2010

A organização e publicação de livros e números especiais de revistas de homenagem a figuras da cultura (letras, ciências, artes, etc.) é uma prática enraizada entre nós, particularmente nos meios académicos, em que, geralmente na altura em que se jubulam, colegas, discípulos, amigos e admiradores contribuem com os seus trabalhos para demonstrar o apreço que os liga ao homenageado, e também para realçar junto do público mais interessado as qualidades científicas, pedagógicas, humanas que mais se destacam na sua personalidade. O principal valor deste tipo de obras